

Capítulo VI – Modernidade Reflexiva: os ecos de um novo momento da Modernidade.

A proliferação de riscos contemporâneos vem introduzir uma linha divisória em certos aspectos do fluxo histórico da Modernidade. Pelas características que os riscos apresentam, a nossa época começa a assumir matizes substancialmente distintos daqueles que estruturaram a Modernidade nos dois séculos anteriores.

As principais categorias que imperaram nos três últimos séculos no rumo da sociedade ocidental parecem ter esgotado tanto o seu significado como a sua operacionalidade e colocam-nos perante a sua **insuficiência e fracasso**, ao tentarmos apreender o momento presente da Modernidade através delas¹.

Confrontados com profundas alterações na sociedade contemporânea, os pilares que estruturaram a Modernidade Clássica contemplam-se a si mesmos devido a uma série de acontecimentos dos quais foram os principais instigadores.

As últimas décadas do final do século XX e o início do século XXI assistiram à emergência de novos dados e cenários, impedindo que se possa continuar a pensar a Modernidade com os mesmos conceitos e marcos de referência do passado.

A Modernidade, como nos foi legada pela tradição, encontra-se assolada por uma crise profunda que suscita a necessidade de **novos conceitos e modelos de compreensão**², dado que se tornou um problema para si própria. Um problema que exige uma solução³. Perante os novos cenários da sociedade contemporânea, a Modernidade assiste progressivamente à sua **reflexividade**.

¹ É isto que Beck anuncia claramente no *Prefácio* de *Risk Society*, referindo-se à época que vivemos: «Just as modernization dissolved the structure of feudal society in the nineteenth century and produced industrial society, modernization today is dissolving industrial society and another modernity is coming into being». *Op.cit.*, p.10.

² «Modernity needs to be re-formed in the fullest sense on a global level». Ulrich Beck e Johannes Willms, *Conversations with Ulrich Beck*, p.25.

³ Beck e Willms, *op.cit.*, p.25.

§ 1. A Modernidade Clássica: o esplendor e estabilidade da tradição.

Para se compreender melhor as observações que fizemos sobre as alterações que estão a ocorrer nos padrões tradicionais da Modernidade, bem como a importância que este aspecto representa no pensamento de Beck, é importante primeiro começar por delimitar temporal e circunstancialmente, ainda que apenas nos seus traços gerais, algumas das principais características do que comumente se entende por Modernidade.

Associada a um determinado período do decurso histórico, a Modernidade refere-se

«[...] a modos de vida e de organização social que emergiram na Europa cerca do século XVII e que adquiriram, subsequentemente, uma influência mais ou menos universal»⁴.

Particularmente importante aqui é o termo **universal**. Ele está profundamente inscrito no âmago das aspirações do ideário do projecto consignado ao primeiro momento da Modernidade. À semelhança da expansão da fé cristã em nome de Deus a todo o mundo que motivou toda a Idade Média, a Primeira Modernidade pretendeu universalizar e implantar as suas categorias fundantes. Não em nome de Deus, mas em nome do Homem e da razão humana.

Uma das grandes, ou talvez a maior, conquistas do projecto moderno caracteriza-se pela progressiva adesão e aceitação que alguns dos seus principais paradigmas – crescimento económico, crença no progresso científico e tecnológico, ideia da inesgotabilidade dos recursos naturais, democracia e direitos humanos e Estado-nação - granjearam nos últimos três séculos na sociedade ocidental. Foi com base neles que a Modernidade se foi construindo e desenhando as linhas mestras da sua evolução até aos dias de hoje.

A implementação do modelo da Primeira Modernidade foi feita com base numa estrutura social hierarquizada em que as diversas classes se harmonizam mais ou menos sem grandes conflitos e em que o peso da religião, como autoridade espiritual contraposta à dimensão secular da sociedade e como instituição responsável pela manutenção de códigos morais colectivos que ajudam o indivíduo a encontrar o seu lugar dentro do quadro social, e da família, como suporte e factor de coesão da

⁴ Anthony Giddens, *As Consequências da Modernidade*, p. 1.

construção biográfica do indivíduo no âmbito da sua identidade e no plano das suas relações sociais se perpetua sob o signo da estabilidade, que foi determinante para que as instituições modernas conseguissem criar a força própria de uma tradição⁵.

Assim sendo, derivado do que acabámos de afirmar, algumas palavras que podem descrever de forma geral o contexto social desta época são **certeza, segurança e estabilidade**⁶. São elas os pontos cardeais que orientam a vida dos indivíduos nesta primeira fase da Modernidade.

A universalização do seu modelo confere um padrão de **continuidade** aos valores modernos. As instituições dominantes encarregam-se da sua gestão dentro desse quadro de continuidade. Porém, será o funcionamento das próprias instituições dominantes um dos factores decisivos para que, na sociedade contemporânea, a Modernidade comece a assistir a uma nova etapa do seu desenvolvimento.

§ 2. Modernidade Reflexiva: a desintegração dos valores da Modernidade Clássica.

É com o panorama apresentado no parágrafo anterior que se prepara a emergência de um **novo momento da Modernidade**. A intensificação crescente das condições que forjaram o clima do seu primeiro momento na sociedade industrial, caracterizadas pelo aumento progressivo e constante produção de riscos ambientais e tecnológicos, introduzem novas linhas de rumo no projecto moderno, conduzindo-o a dimensões tanto inesperadas como incognoscíveis na sua totalidade.

Se, por um lado, os riscos produzidos pela ciência e pela tecnologia elevam a existência humana a um domínio acentuado sobre o meio natural e a um patamar de desenvolvimento jamais alcançado em qualquer outra época histórica, por outro, os seus efeitos obrigam a Modernidade a confrontar-se inequivocamente com o reverso das suas próprias conquistas e com a fragilidade dos seus próprios fundamentos. É esta **autoconfrontação**, melhor dizendo, é este questionamento e esta vertente autocrítica

⁵ «In the framework of the first modernity, society is thought of as organized in terms of the nation-state. Secondly, it is conceived of as based on pre-given collective identities that are anchored in large collective groups». Beck e Willms, *op.cit.* p.30. Cf. também, para um desenvolvimento mais amplo destes temas, a segunda parte de *Risk Society*, particularmente os capítulos 4 e 5, em que Beck desconstrói, por assim dizer, as alterações introduzidas no plano individual e social pela Modernidade Reflexiva.

⁶ Com estabilidade queremos referir-nos, na esteira do pensamento de Beck, apenas à esfera individual do ser humano inserido no contexto das suas relações sociais e no seu plano individual. Não pretendemos, de forma alguma, aplicá-lo ao desenvolvimento histórico da Modernidade, toda ela fracturada por violentas e constantes convulsões políticas e revoluções sociais, nomeadamente no século XIX.

dirigida a si própria⁷, aos seus fundamentos e instituições, que, segundo Beck, nos aparta decisivamente e nos faz divergir do primeiro momento da Modernidade.

Perante a perpétua criação de riscos na sociedade contemporânea, a Modernidade Clássica começou a tornar-se **reflexiva**. É sob a evocação de possibilidades e cenários de destruição dignos de um qualquer inferno dantesco que Beck adoptou este conceito. Apreciemos as suas próprias palavras em referência a esta fase da Modernidade:

«Esta nova fase, na qual o progresso pode transformar-se em **autodestruição**, em que um tipo de modernidade rompe e altera uma outra, é o que eu designo como fase de **modernidade reflexiva**»⁸.

A dimensão de catástrofe que caracteriza a maior parte das situações de risco, bem como a já referida incontrollabilidade das ameaças, traduzida na incapacidade da ciência e da política, enquanto entidades responsáveis pela gestão dos riscos, para fazer face aos mesmos representa⁹, de acordo com Beck, não um fracasso, mas sim uma vitória da Modernidade¹⁰, dado que a evidência da fragilidade e insustentabilidade dos pilares e instituições do primeiro momento da Modernidade comporta em si a necessidade de uma profunda reavaliação e aponta o caminho para a sua própria crítica interna e conseqüente mudança de paradigmas.

A transição para a Modernidade Reflexiva não significa um corte radical com o modelo da Modernidade Clássica, nem uma alteração sequencial do tempo histórico. Embora seja isso que o pensamento de Beck nos possa sugerir, afirmá-lo contundentemente seria incorrer num grave erro.

⁷ «[...] modernity has become reflexive. It has become directed at itself». Beck e Willms, *op.cit.*, pág. 29.

⁸ «This new stage, in which progress can turn into self-destruction, in which one kind of modernization undercuts and changes another, is what i call the stage of reflexive modernization. Beck, «The Reinvention of Politics: Towards a Theory of Reflexive Modernization» in *Reflexive Modernization. Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order*, p.2. O sublinhado é nosso.

⁹ Cf. capítulos III e V.

¹⁰ Beck considera que a Modernidade Reflexiva surge não num quadro de fracasso, mas sim do sucesso gerado pela vitória e continuidade dos fundamentos da Modernidade Clássica. As conseqüências de riscos ambientais e tecnológicos, fruto do progresso tecnocientífico, colocam-nos perante cenários de perigos imprevisíveis, mas abrem também caminho para as alterações estruturais nos padrões dominantes do primeiro modelo da Modernidade.

Ambas as fases da Modernidade coexistem simultaneamente na sociedade contemporânea, não se excluindo a si mesmas¹¹. Isto ocorre também porque as sociedades modernas,

«[...] confrontadas com as bases e limites do seu próprio modelo [...] não mudam, não reflectem sobre os seus efeitos e persistem numa política de mais do mesmo [ou seja, atêm-se ainda aos fundamentos da primeira modernidade]»¹².

O que principalmente distingue a primeira e a segunda Modernidade é que a primeira é entendida como **exclusiva**. Apesar de toda a dinâmica que caracterizou a sua história, os fundamentos e as instituições da Modernidade Clássica tornaram-se estanques e obsoletos ao alimentarem a qualquer custo a perpetuação do seu modelo, ao passo que o conceito de Modernidade Reflexiva, marcado pela flutuação e imprevisibilidade da natureza dos riscos, deve ser entendido como um conceito **aberto**¹³, que integra diversas perspectivas diferentes¹⁴ e distintas concepções de Modernidade.

Por a Modernidade Reflexiva consistir numa **lógica de flutuações**¹⁵, e por estar aberta a várias perspectivas, Beck recusa o pós-modernismo como conceito operatório capaz de dar conta das alterações introduzidas no actual momento da Modernidade.

Embora reconheça que

«Não poderia ter existido uma teoria da modernidade reflexiva sem se terem adoptado algumas ideias centrais do pós-modernismo»¹⁶,

Beck considera o pós-modernismo uma concepção inadequada dado que, apesar de ser capaz de desconstruir os fundamentos do primeiro momento da Modernidade, é,

¹¹ «Nor can the first and second modernities be thought of as mutually exclusive in time or space. They exist simultaneously, and completely interpenetrate each other». Beck e Willms, *op.cit.*, p.31.

¹² «Modern societies are thus confronted with the bases and limits of their own model to precisely the degree they do not change, do not reflect on their effects and continue a policy of more of the same». Beck, “The Reinvention of Politics: Towards a Theory of Reflexive Modernization” in *Reflexive Modernization. Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order*, p.7.

¹³ «The concept of the second modernity is necessarily an open one». Beck e Willms, *op.cit.*, p.31.

¹⁴ «We are involved in the transition from one perspective to several perspectives. There is a pluralization of modernities in the making». Beck e Willms, *op.cit.*, p.26.

¹⁵ Beck e Willms, *op.cit.*, p.27.

¹⁶ «There could not have been a theory of reflexive modernity without having engaged with the central ideas of postmodernism». Beck e Willms, *op.cit.*, p.25.

porém, incapaz de conceber a segunda Modernidade sob um ponto de vista pluralista, à semelhança do que faz o conceito de Modernidade Reflexiva¹⁷.

Além disso, o pós-modernismo não procura apontar novos caminhos para os dilemas apresentados pela transição da sociedade industrial para a Sociedade de Risco, preferindo quedar-se apenas pela afirmação de que o momento actual se encontra já desenquadrado dos modelos, fundamentos e instituições da Modernidade Clássica. O termo pós quer indicar isso mesmo. O momento actual está para além do horizonte da Modernidade. Esta é um projecto inteiramente esgotado¹⁸ porque, segundo ele, assistimos ao **fim das grandes narrativas** que guiaram a Modernidade, representada pela falência dos discursos religioso e científico.

Com o conceito de Modernidade Reflexiva, Beck assume uma posição totalmente distinta dos pós-modernistas. Segundo ele, as alterações geradas no segundo momento da Modernidade não representam o seu fim. A Modernidade não desapareceu¹⁹ enquanto categoria assignada a um determinado período histórico. Indubitavelmente, os seus fundamentos foram abalados, mas continuamos a respirar a atmosfera paradigmática da Modernidade.

Com a ruptura instaurada aos pilares do projecto moderno e com as alterações que conduzem à desintegração do seu modelo e da sua tradição colocam-se vários dados novos e novos problemas que é preciso resolver no quadro da reforma das instituições políticas e sociais, das relações laborais, inclusive no âmbito das próprias relações humanas.

É aqui que podemos entrever a principal diferença entre pós-modernismo e Modernidade Reflexiva. Ao passo que o primeiro se limita a apontar a crise sem procurar soluções para ela, segundo Beck, a Modernidade Reflexiva

«[...] começa com o problema que esta nova realidade coloca às decisões individuais e colectivas e com o problema que a existência contínua de tais decisões colocam à teoria»²⁰.

¹⁷ «[O pós-modernismo] It explains why the old ways of conceiving modernity are no longer valid and then it stops short.». Beck e Willms, *op.cit.*, p.25.

¹⁸ É isso que se pode ler na obra que introduziu o pós-modernismo no panorama intelectual europeu, *A Condição Pós-Moderna*, da autoria de Jean-François Lyotard, quando este afirma que «[...] as sociedades entraram numa era pós-industrial e as culturas na era dita pós-moderna ». Cf. a obra de Lyotard, p.15.

¹⁹ «Modernity has not vanished, we are not post it». Beck e Willms, *op.cit.*, p.29.

²⁰ «[...] the theory of second modernity starts with the problem this new reality poses for individual and collective decisions, and with the problem that the continued existence of such decisions poses for theory». Beck e Willms, *op.cit.*, p.28.

É esta **diferença de atitude metodológica** que leva Beck a tentar encontrar soluções de forma a resolver o impasse a que a eclosão dos riscos ambientais e tecnológicos conduziu a sociedade contemporânea.

§ 3. A Natureza dentro da Sociedade: um dos aspectos fundamentais da Modernidade Reflexiva.

Beck começa por apontar o seguinte como primeira diferença que distingue os dois momentos da Modernidade:

Enquanto ao seu primeiro momento corresponde a ideia de Estado-nação, sendo aliás a sua grande criação em termos políticos, no segundo momento da Modernidade, fruto da natureza transnacional das ameaças emergentes, a ideia de Estado-nação começa a perder gradualmente a sua importância²¹.

As implicações demonstradas pela vaga sucessiva de acidentes de potencial devastador como são aqueles que ocorrem na sociedade contemporânea têm conduzido gradualmente à ruptura de aspectos fundamentais que estavam associados ao Estado-nação: o estado-providência, o poder do sistema legal e a economia nacional.

Outra característica que diferencia ambos os momentos da Modernidade prende-se com a relação entre sociedade e natureza. Um dos pilares nos quais se funda o projecto da Modernidade é a visão antropocêntrica e utilitarista que o homem possui dos recursos naturais. A natureza opõe-se ao humano e existe fora da sociedade como fonte de recursos para as realizações humanas. Esta visão, levada até ao seu último extremo ao longo de toda a Modernidade, conduziu, na contemporaneidade, à emergência de uma grave crise ambiental que coloca como um cenário possível a extinção de diversos ecossistemas planetários.

A crise ambiental, como característica por excelência da Modernidade Reflexiva, introduz uma alteração na relação entre natureza e sociedade. Se, na Primeira Modernidade, a natureza estava fora do meio social, a sua progressiva destruição pela actividade humana obriga, na sociedade contemporânea, a que a fronteira que separava sociedade e natureza seja posta em causa.

²¹ «A fair starting point is to say that the difference between the first modernity and the second one is the difference between “nation-state centered” modernity and “non-nation-state centered” modernity». Beck e Willms, *op.cit.*, p.26.

É precisamente isso que Beck nos indica numa das passagens mais fecundas de *Risk Society*. Segundo ele, na Modernidade Reflexiva,

«[...] a destruição da natureza, [...] deixa de ser ‘mera’ destruição da natureza e torna-se uma componente integral da dinâmica económica, política e social»²².

A progressiva destruição do meio natural, submetido à voracidade da racionalidade tecnológica, induz à proliferação de ameaças que, pela sua dimensão imprevisível e por atentarem directamente contra a vida humana, se convertem em assombrosos desafios para as instituições sociais e políticas²³.

Os problemas ambientais gerados pelos progressos da ciência e da tecnologia, diz-nos Beck, são problemas que não se encontram fora do contexto social, mas sim profundamente inscritos e enraizados nele²⁴. Por dizerem respeito directamente às populações e ao meio em que estão inseridas e tendo que se ter em conta as suas condições de vida, o meio em que vivem, o seu âmbito histórico, político e cultural, o grau de informação e a atitude que demonstram perante a existência de cenários de risco, por tudo isto, os problemas ambientais têm que ser resolvidos no quadro das instituições sociais existentes para esse efeito.

É também devido a isto que, no contexto da Modernidade Reflexiva, é já **impossível** dissociar natureza e sociedade. Como declara Beck,

«No fim do século XX, a natureza é sociedade e a sociedade é também ‘natureza’»²⁵.

A “ **fusão forçada**” entre natureza e sociedade é não só um imperativo da teoria da Modernidade Reflexiva como, face à dinâmica destrutiva que as ameaças ambientais e tecnológicas apresentam, um dos exemplos mais claros que, segundo Beck, justificam o conceito de Sociedade de Risco²⁶.

²² «[...] the destruction of nature [...], ceases to be ‘mere’ destruction of nature and becomes an integral component of the social, political and economic dynamic». Beck, *Risk Society*, p.80.

²³ Beck, *op.cit.*, p. 80.

²⁴ Beck, *op.cit.*, p. 81.

²⁵ «At the end of the twentieth century nature is society and society is also ‘nature’». Beck, *op.cit.*, p.81. O itálico é do autor.

²⁶ Beck, *op.cit.*, p 81.